

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quæ sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

**SUMMARIO:** — SECÇÃO DOUTRINAL: *A Milicia Christã (XXXIX)* Amor ao trabalho, pelo rev.<sup>mo</sup> sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: *Raridades*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Alves d'Almeida; — *Memorias privilegiadas*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Alves d'Almeida — SECÇÃO CRITICA: *As enfermidades da sociedade e o seu remedio*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Placido de Vasconcellos Maia; — *Bem applicado correctivo*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. José Maria Guerreiro. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Prestações*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Meia noite*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Rangel de Quadros; — *Deus e a Natureza*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Rangel de Quadros; — *A orphã*, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Elmano Soab. — SECÇÃO ILUSTRADA: *Ozias recebe Achior na sua casa*; — *S. Romualdo, fundador dos Camaldulenses*, pela redacção. — SECÇÃO NECROLOGICA: pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

**Gravuras:** *Ozias recebe Achior na sua casa*; — *S. Romualdo, fundador dos Camaldulenses*.



OZIAS RECEBE ACHIOR NA SUA CASA

## SECCÃO DOCTRINAL

## Milicia Christã

XXXIX

AMOR AO TRABALHO

**C**HRISTIANISMO, esse sopro divino, que alevanta as potencias do homem do torpor dos instinctos até á sublimidade da inspiração, que civilisa o selvagem, que amacia o iracundo e alenta o pusilanime, que quer que agradeçamos devidamente os dotes da criação, que condemna a ociosidade como escola que é de vícios, que amaldiçoa o servo preguiçoso que enterra os seus talentos, que a toda a hora convida os que não tem jornal a virem trabalhar na sua vinha, o christianismo que no primeiro livro do seu codigo sagrado gravou esta lei do Senhor, que com todos os homens falla, — *com o suor do teu rosto comerás o pão*—o christianismo é a perennal escola do trabalho.

Percorrei o mundo e vol-o dirão as cidades que edificou, os templos, as pontes e as memorias que levantou, as selvas e pantanos, que, com a industria e o trabalho tornou feraces, os rios que incauçou, os thesouros que desenterrou, as aridas planicies aonde levou as aguas, os pomares e vinhedos, que plantára, e os jardins que soubera formar nos pincaros mais altos e nos areas mais cavados.

Visitae as bibliothecas e dir-vol-o-hão as indefinidas series de volumes, que seus filhos levam escriptos.

Entrae nos museus e vereis com quanta eloquencia na sua mudez o dizem os paineis e as estatuas que os ornamentam.

Examinae a historia da indüstria e do commercio e vereis que vol-o confirma.

E, finalmente, vinde commigo examinar os archivos das musicas da antiga cathedral e do vetusto mosteiro e ali veremos proclamada a lei do trabalho em hymnos d'amor divino.

E' o christianismo, a religião divina, que vem bafejar o homem no caminho da vida, para lhe dar alento, luz, constancia e tino no perigoso caminhar pelo labyrintho d'esta peregrinação breve, mas trabalhosa.

E' a norma divina, que um Pae tão sabio, como prudente, ha querido dar aos filhos, que ama, para que estes saibam aproveitar os bens abundantissimos, com que os dotara generoso.

E' o christianismo a lei reguladora do trabalho racional; é a propria lei do trabalho.

E esta lei é lei d'amor, de gratidão filial e de fraterna caridade.

Se o nosso sapientissimo Pae nos

deu brilhantissimos talentos d'actividade, não despresaremos estes, em si tão estimaveis, porque seria tambem despresar o munificentissimo doador: e trabalharemos lembrando-nos que esse Pae se agrada do nosso trabalho, não porque Elle precise cousa alguma nossa, mas porque deseja ver-nos grangear honradamente os talentos que nos dera para honra nossa, e quem não trabalha não se honra.

Quem sendo por natureza activo, racional e livre, essa actividade não utiliza, por essa racionalidade se não governa e d'essa liberdade abusa, não é honrado, como mau filho de paes honrados, que lhe deixaram sufficiente patrimonio de roda da casa para que trabalhando fosse honrado e independente, sem ter que regar com o seu suor campos alheios, nem que mendigar o pão dos seus irmãos: mas como frequentasse a casa do jogo e queimasse o fructo da honradez e do trabalho dos seus defunctos paes na orgia, fica sem pão e sem honra; assim succede tambem a quem na honradez do trabalho não emprega os talentos que de Deus recebera: não tem honra—é um filho ingrato.

O trabalho é tambem uma justissima homenagem que se tributa á caridade fraterna porque precisando todos de casa, pão e vestido, ou se dispõe dos meios necessarios, para attender a essas tres necessidades peremptorias, ou se carece d'elles.

Na primeira hypothese lembrar-se-ha, que, se não trabalha, virá a carecer d'elles, e deve portanto trabalhar para não mendigar amanhã o que hoje póde conseguir com o seu trabalho, e se os seus recursos dão com o emprego da sua actividade de sobejo para as suas necessidades, bem sabe que tem muitos irmãos aleijados, velhos ou enfermos, que não podem trabalhar, e que carecem do necessario para a vida, e honrar-se-ha de trabalhar para elles, como bom irmão.

Ou na segunda hypothese carece de recursos para attender ás necessidades da vida e n'este caso a sua honra pede voz em grita, que trabalhe, porque é injusto que um ser racional queira viver do suor dos seus irmãos, para poupar o seu, e quem assim o faz é um verdadeiro ladrão, sem honra e sem dignidade.

Quando o trabalho falta ou dá escassamente para as necessidades peremptorias da vida, ah! então não é deshonra esmolar quanto para o necessario venha a restar. Sem que seja licito confundir os mimos e confortos com as necessidades da vida; aquelles são do cuidado do individuo, estas da providencia humana, do cuidado da propria humanidade.

Resulta, pois, que, quem podendo trabalhar não trabalha, nem tem honra nem milita na milicia christã.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## SECCÃO HISTORICA

## Raridades

**D'**UM livro de 1697 extrahimos o seguinte:

«No anno de 440, viu-se a lua negra, e passado pouco, o rio de Toloza em sangue, durante 24 horas;

«No de 441, reinando em Hespanha Theodorico, um demonio toma fórma humana, e dando a entender aos judeus que era Moysés, lhes promete leve-os, por mar, á terra da Promissão; e, tendo-o alguns acreditado, se mette com elles ao mar, tendo em seguida morrido quasi todos afogados, sendo que os restantes, logo que se apanharam em terra são e salvos do estratagemna diabolico, se fizeram christãos;

«No de 650, pedindo um mendicante uma fatia de pão a certo sujeito de nome Andrezo, este lh'a negou, tendo-a; e, rogando o morto de fome ao ceu que o pão se lhe transformasse em pedras, no mesmo instante assim succedeu;

«No de 670, o sol se escureceu por 17 dias, acontecimento este que devia ter sido horrorosissimo;

«No de 864, imperando Luduvico II, traga a terra uma villa da Saxonia com todos os seus habitantes;

«No de 939, sae fogo do mar que, estendendo-se por diversas partes da Hespanha, queima algumas povoações, como Zamora, Carrion, Castroxeris, e outras, nas quaes pereceu muitissima gente;

«No de 1306, cae uma nuvem de gafanhotos, de 6 pés e 6 azas, sobre a França que, n'uma area de 6 milhas de largo, que tanto abrangia a praga, não deixa folha verde; e, tendo seguido a sua rota, vae cahir no mar britanico; e, tendo-a a maré levado á praia, alli se alevanta uma peste tão violenta, que faz morrer cerca de 2 terços dos habitantes das povoações vizinhas;

«No mesmo anno, imperando Luduvico, choveu sangue na cidade de Brigia, por espaço de 3 dias e 3 noites;

«No tempo do Papa Gregorio XV (1621 a 1623), appareceram em Roma 3 soes, visiveis por espaço de 5 horas;

«No do imperador Frederico, 3 luas proximas umas das outras, com uma cruz ao meio;

«Junto do rio Egos, na Thracia, cahiu uma pedra carbonizada, do tama-

nho da roda d'um carro de bois, diz Plinio, liv. II, accrescentando que, sendo Marco consul em Roma, viram os Amerinos (?) e Tudescos: uma vez, muitas armas no ar, pelejando umas contra as outras; outra, ladrinho cozido; outra, ferro; outra, carne; outra, sangue, etc. etc.

Que significaria tudo isto? perguntamos nós. Respondam n'os sabios da terra, e veremos que nada dizem, ainda que muito arênguem, porque alli não chegam n'os *comicios* do pedreiro Hyrão.

ALVES D'ALMEIDA.

## Memorias privilegiadas

**U**SDRAS, summo sacerdote, tinha de cór toda a doutrina dos Hebreus, assim como todas as tradições legitimas do tempo de Moysés;

Cyro, sendo seus exercitos quasi innumeraveis, quando sahia a visitar o campo, não só chamava todos os officiaes pelo seu nome, mas tambem a maior parte dos soldados;

Cyneias, sendo embaixador de Pyrho entre os romanos, entrando um dia no Senado, chama todos os senadores pelo seu nome, assim como a quasi todos os cidadãos que alli se achavam;

Hortencio, da mesma sorte que imaginava uma oração, assim a escrevia, sem alterar um só vocabulo;

Porcio, o que uma vez apprehendia, nunca mais lhe escapava;

Mithridates, sabia 22 linguas d'outras tantas nações que dominava;

Seneca, repetia 2 mil versos pela mesma ordem que os ouvia; e, no seu tempo d'estudante, dizendo-lhe os seus condiscipulos, que eran mais de 200, cada um seu verso, elle os repetia todos ás vessas; isto é, do ultimo ao primeiro que tinha ouvido;

Julio Cezar, imperador de Roma, lia, escrevia, dictava e despachava os negocios em que lhe fallavam, tudo simultaneamente;

Eneias Sylvio, recitava todo o direito do seu tempo, tendo fallecido aos 30 annos de idade;

Um outro jurista, cujo nome se ignora, repetia, sem gaguejar, 36 mil nomes pela mesma ordem que os ouvia;

Jozeplus, nada tinha visto escripto em grego, latim ou hebraico, que, perguntado, não respondesse logo com accerto;

Tostado, tinha noticia da maior parte das artes e sciencias aos 20 annos d'idade;

O Conde do Pico, mirandolano, (de Mirandella?), sendo ainda moço, dizia

de cór todo o Virgilio; e, se o excitavam, tornava-o a repetir do fim para o principio, sem lhe escapar um só verso, coisa que muito poucos farão n'um simples *Padre Nosso*, ainda que habituados a recital-o quotidianamente; e, finalmente,

O Padre Soares, granatense, repetia, tambem de cór, toda a doutrina de Santo Agostinho, etc., etc.

ALVES D'ALMEIDA.

## SECÇÃO CRITICA

### As enfermidades da sociedade, e o seu remedio

**U**M principio bem assente, que todas as doenças sociaes tiram a sua origem da transgressão da triplice lei, o *temor de Deus*; o *respeito ao Pai*, delegado de Deus no lar; o *amor á Mãe*, laço d' affectos que liga todos os membros da familia.

Parece, pois, que o remedio radical para curar todas essas enfermidades, deve ser restaurar nos corações o imperio da lei de Deus.

Mas essa restauração depende d'um trabalho muito complexo e muito delicado; por que o homem, naturalmente inclinado ás sensualidades e aos vicios, tendo adquirido maus habitos tarde ou nunca os larga; e quando essas desordens se manifestam nas classes superiores, e o clero não reage fortemente, antes se bandeia e faz côro na orgia, renegando a sua missão sublime de pastor e guarda do rebanho de Jesus Christo para se transformar em sacerdote de Baccho e da deusa Venus, e adorador do bezerro d'Ouro; n'esse caso, o antagonismo lança raizes no lar e na officina, o scepticismo invade a sociedade, a lei de Deus é substituida pela doutrina dos letrados, e as tradições do genero humano pelas novidades da vespera, e o mal, tendo chegado ao seu cumulo, não resta ao povo outro meio de salvação senão uma grande calamidade nacional. E' pelas calamidades nacionaes, diz Bellingbruke, que se curam as corrupções nacionaes. Ninguem pôde contestar que esta carapuça fica a calhar ao nosso paiz, onde a indisciplina reina nos espiritos, onde a desordem e a confusão domina em todas as classes, o antagonismo na familia, por virtude da lei iniqua da partilha forçada, cujos effeitos são o desprestigio da auctoridade paternal e, como consequencia natural, a indisciplina e a desorganisação da familia, e por fim a desorganisação da propriedade.

O antagonismo e o scepticismo reinam desassombadamente na officina do trabalho, na politica e no Estado.

Os homens publicos, ainda que honestos e honrados na vida privada, quando se trata de politica transformam-se em *bandalhos*, praticando toda a qualidade de patifaria e toda a especie d'escandalo; este predicado generalisa-se a todos os partidos sem excepção; pois tão bons são uns como os outros. E' esta maldita politica partidaria a pedra d'escandalo, a origem de todas as desordens e de todas as corrupções que se observam por esse paiz fóra. O clero, que devia ser o sustentaculo da moral evangelica, na sua maioria faz causa commum com os partidos politicos; e com o cheiro no canonicato, na reitoria do lyceu, na accumulacão d'empregos publicos, no despacho para um beneficio rendoso, transforma-se de ministro de Christo, que devia ser o sal da terra e a luz do mundo, em galopim eleitoral, agente da depravação dos costumes publicos, promotores de desordens e falcatruas, e fautores do desprestigio da religião e da Igreja. Temos assim invertida a missão do Padre, por isso não admira que a immoralidade campeie desenfreada por todo o paiz.

Temos, pois, que o nosso estado de corrupção é d'aquelles que só por meio d'uma calamidade poderá ser curado. Com effeito, a situação creada pelos desacertos e imprevidencias governativas, que deram pretexto ao *ultimatum* inglez, a revolta do Gungunhana, a rebelião dos gentios de Timor, e o mau successo que alli teve uma expedição militar, e outras complicações politicas e financeiras de caracter internacional: a ambição desmedida dos partidos da opposição que produziu a colligação hybrida dos progressistas com o bando revolucionario, com o fim de derribarem o governo: tudo isto creou ou acorrentou para o paiz uma crise bastante grave, para despertar a opinião sensata do paiz, e para fazer-lhe comprehender a necessidade d'união entre todos os homens de bem, a fim de que, por um esforço commum, se quebrem as algemas do erro revolucionario, que, com as suas tolas innovações, veio abalar o velho edificio social, inaugurado pelo valoroso e heroico Affonso Henriques, primeiro rei dos lusitanos, consolidado pelas gerações gigantescas que lhe succederam, e cimentado pelo sangue generoso de tantos bravos que sellaram com a sua morte o seu amor á patria. Voltemos, pois, ás tradições da nossa raça, submettamos os nossos corações ao suave jugo da lei de Deus; dêmos força ás instituições, que são optimas, como mostram os sete seculos da sua

existencia, e mandemos ao diabo todas essas novidades revolucionarias.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAIA.

## Bem applicado correctivo

**S**OB esta epigrapha publicada no *Correio das Provincias* n.º 37, vamos dizer muito mais acerca das censuras bem merecidas que em tal artigo se lêem, a quem ha mais de 60 annos não tem curado da esphacelada instrucção mãe do povo portuguez. Cita a *Voz do Operario*:

«Lei que torna obrigatorio!... Isto escreve-se unicamente para recordar uma lei a tal respeito, por que emquanto a executal-a... não tem o ministerio do reino mais que fazer!... Escolas!... a iniciativa particular que as estabeleça; porque nas regiões governativas não ha tempo nem dinheiro. Ensino obrigatorio... em Portugal!... uma fabula.»

E nós diremos:

A instrucção primaria é o fundamento de toda a sciencia.

E quem finge não conhecer este axioma? São os altos funcionarios da nação portugueza,—os snrs. deputados—que com tão nefasta ingratidão não teem pago a divida sagrada, levantando da miseria o seu funcionario, que com tanta fadiga e mil impertinencias de pétala a pétala lhes desabrochou as suas faculdades, ainda em botão— a intellectualidade. O apanagio do professor publico ha mais de 60 annos é a fome e só a fome! Se um governo ha poucos mezes lhe augmentou uns magros tostões, não tardará que venha outro que lh'os cerceie, como costumam.

Além d'isso se o professor chega a ser aposentado, esse augmento fica reduzido a zero.

O nosso Alexandre Herculano, n'uma sessão da camara dos deputados provou á evidencia o direito sagrado que o professor tinha não só á boa remuneração, quando em serviço, senão a boa remuneração quando reformado pelos grandes cabedaes que depositava nas mãos do governo.

E que caso fizeram os seus collegas d'essa voz eloquente e persuasiva? Nenhum.

Tudo tem caminhado no mesmo diapason.

A reforma de 2 de maio de 1878 e 11 de junho de 1880 não teve outro fim senão armar ao effeito para enganar os povos.

Peccaram pela base, porque o professor da instrucção-mãe, foi por ellas reduzido á fome e á miseria, porque

as gratificações que lhes davam eram tão falsas que quasi não dava para mitigar a fome.

Obrigavam os paes a mandar os filhos á escola por via de multas.

Nem uma só multa se deu; foi letra morta tal lei, quando com mais acerto o decreto de 20 de setembro de 1844 dizia: «os paes que na idade obrigatoria para a vida militar não provarem que seus filhos sabem ler e escrever e as quatro operações de arithmetica, serão esses os primeiros recrutados para o serviço militar.»

Foi peor a emenda que o soneto.

O que é certo é que nem uma nem outra lei se poz em pratica.

Ora reformar a instrucção primaria é tornal-a melhor.

Todavia em Portugal é tornal-a peor. E' porque n'este reino ao retrocesso denomina-se progresso.

Entretanto assim convém que o Zé povinho não tenha instrucção para que não sinta o peso que lhe atiram para cima do espinhaço, nem mais nem menos... Os exemplos fallam bem alto.

Ora todas as partes da reforma devem ser perfeitas e harmonisar o todo: não devem destacar-se uma das outras. A referida reforma determinava que o presidente da junta escolar recebesse dos professores as relações dos alumnos para exame elementar e complementar, cujas relações fossem enviadas aos administradores dos concelhos para detalhar o serviço de exames. Por outro lado obrigava aos inspectores e sub-inspectores a presidir aos referidos exames.

Os administradores, segundo a lei marcavam *ad libitum*— á vontade— certos dias para exame.

Pergunto: como é que o inspector e o sub-inspector podiam presidir aos exames? Os que estavam presidindo n'um concelho não podiam estar presidindo nos concelhos que os administradores indicassem nos seus detalhes. Haverá lei mais disparatada?! Não seria mais acertado que as leis determinassem que os inspectores e sub-inspectores detalhassem tal serviço visto que elles e só elles tinham que presidir a tal serviço?! Como desempenhal-o em presença de tão tresloucada e disparatada lei?! Foi necessario para o bom desempenho de tal serviço pedir aos administradores do concelho de cada circulo que nos concedesse detalhar o serviço. Na qualidade de sub-inspector em Beja houve dois administradores tão casmurros que não quizeram ceder: um de Serpa e outro da Cuba; o primeiro cedeu; o segundo nem á mão de Deus Padre quiz ceder.

D'isto dei parte ao meu chefe.

Este respondeu-me que nem mais lhe officiasse, que visto o seu circulo com-

binasse com o concelho da Cuba que elle inesperadamente lhe bateria á porta e os exames se fariam!

Assim aconteceu.

Foi por esta fórma que levamos por diante o serviço de exames, tanto mais espinhoso quanto difficultoso foi remediar a tresloucada lei.

Quando em serviço de inspecções tinhamos 1,5000 reis por dia; quando iamos presidir ao serviço de compôr o jury de exames dos candidatos aos exames do magisterio tinhamos maior remuneração. Mas esta era uma só vez no anno.

Ora este dava-nos menos incommodo, menos despeza. O serviço de inspecções dava-nos mais trabalho e mais despeza e menos remuneração. Por isto se vê quão mal pensadas e desconchavadas leis foram as leis da referida reforma.

Na commissão de beneficencia e ensino, que nunca produziu cousa alguma, pôz-se a instrucção á mercê de esmolas!... Das muito nobres excellentissimas snr.<sup>as</sup> marquezas d'Alvito e outras soube quanto desejo tinham de beneficiar a pobreza... mas quê... os outros membros da commissão descuidando nada se fez.

Finalmente uma tal reforma foi a vergonha da nação portugueza pelas bem merecidas censuras que as nações estrangeiras lhe fizeram.

Portanto está demonstrado á evidencia que o governo portuguez não quer que o povo tenha instrucção.

Ainda assim como a referida reforma ia dando alguma coisa, pelo capricho e zêlo dos professores deitaram-na por terra!... e tornaram-na peor que d'antes.

Hoje uma professora pôde reger uma escola do sexo masculino... Que lastima!

N'uma freguezia de quasi 3:000 fogos, como a de S. Braz d'Alportel, lá está uma professora regendo a referida escola desde a saida do seu professor, aposentado por decreto de 9 de fevereiro de 1894.

Não seria mais acertado cada professor para o seu sexo? Sabe Deus quanto o professor, principalmente de uma aldeia, lhe custa a domar as crianças do sexo!... quanto mais uma professora... que não tem ella soffrido!...

Já se vê, pois, que a instrucção primaria vae de mal a peor.

Por conclusão diremos que a nossa decadencia caminha a passos agigantados para a nossa completa ruina!... a falsa liberdade promettida na implantação da arvore do systema constitucional em 1833 a isso nos tem levado e nos levará até tocar o zenith ou terminação da epocha da destruição. Bem felizes serão os que viverem na epocha

da renascença proxima. Já n'algumas partes da Europa vão despontando alguns pronunciados da aurora da redempção.

Deus disse: «E' necessario que haja escandalos, mas ai d'aquelle homem por quem o escandalo vem».

Finalmente, se Deus consente não é para sempre... é unicamente para vêr o uso que os homens fazem da liberdade, intervindo como e quando Lhe apraz. Tenhamos fé e esperança no futuro.

Como a materia de que fallamos é mui vasta, por não cançarmos a paciencia do digno leitor, ficaremos por aqui.

Faro.

JOSÉ MARIA GUERREIRO.

## SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

### Actos da Santa Sé

#### Prestações

**D**ESTRUÍDO o antigo castello de C., a cidade de C. mandou logo reconstruí-lo, ainda que nunca reunisse os elementos necesarios para que podesse restabelecer-se com o decoro devido a residencia episcopal. Além d'isso a antiga cathedral, dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, distava dois mil passos da cidade. Como não havia conezia, notava-se não só a falta do culto, como a corporação capitular; devido á sua posição, o Bispo fixou a residencia onde lhe pareceu mais conveniente, ás vezes longe de seus diocesanos, o que trazia prejuizos espirituaes consequentes d'um estado tão anormal de coisas.

Querendo Pio IX provêr o decoro d'aquella cadeira episcopal e remediar a necessidade dos fieis da diocese, estabeleceu a dita residencia juntamente com a igreja cathedral, o Cabido, o tribunal e o Seminario na povoação chamada *Vallo*, supprimindo algumas abbasias e applicando os seus bens e rendimentos á diocese, para o que expediu Lettras Apostolicas em 16 de julho de 1854 *motu proprio*, com conhecimento de causa e pela plenitude da potestade apostolica.

Entre as abbasias supprimidas e annexas á diocese achava-se a chamada vulgarmente do Bosco, que era *nullius diocesis*: a qual com todas as suas povoações e rendimentos foi annexa á diocese, para que se applicassem principalmente á dotação da fabrica e sacristia da cathedral.

Das cinco povoações que constava a

abbadia de Bosco, tres foram annexas á diocese de C., e as outras á de P.: porém algumas parochias das ditas povoações, antes da suppressão da abbadia, recebiam d'esta alguma esmola para as despezas do culto e para a congrua dos Parochos.

Supprimida a abbadia pelo Decreto pontificio de 1851, e applicados os seus bens ao rendimento episcopal de C. e V., os Parochos reclamaram do Bispo as pensões que antes recebiam da abbadia; o Bispo para evitar questões pagou-as até ao anno de 1860, e depois, pelo motivo de ser desterrado, o representante da fazenda publica continuou a pagal-as até 1867. Voltando o Bispo do desterro em 1876, suspendeu o dito pagamento por terem diminuido os rendimentos.

Esta diminuição deve-se á prescripção dos censos, que formavam o principal rendimento da mesma. Mandava a lei que todos os canones, censos, prestações, etc., que se pagassem ás corporações do reino de Napoles, fossem inscriptas n'uma relação que podesse servir de titulo sufficiente para poder obrigar o pagamento em juizo aos remissos, cuja inscripção devia renovar-se de trinta em trinta annos sob pena de prescripção. Como as inscripções de censos da abbadia não se renovaram em 1859, os contribuintes, conhecedores d'este erro, deixaram de pagar desde 1866.

Comtudo, os Parochos insistiram na reclamação, e o Bispo, para evitar maiores perdas fez uma transacção amigavel. Se bem que a maior parte dos rendimentos consistiam em censos, ainda restavam alguns bens de raiz rusticos e urbanos. Convertidos pelo governo, deixaram ao Bispo um rendimento liquido de 3.663 libras. Este propôz dividir esta importancia em seis partes deseguaes, deduzidas as despezas, reservando a maior e principal, e repartindo as cinco restantes entre os Parochos; os de B. e L., da diocese de P., regeitaram esta proposta, e o Bispo de C. e V., sciente d'esta resistencia, entendeu melhor retirar a transacção, negando-se a pagar as pensões, porque os bens da antiga abbadia haviam sido applicados exclusivamente á sua dotação, e apenas lhe restava o necessario para a sua congrua canonica.

Allegadas ante a S. C. do C. as razões em que fundavam os seus respectivos direitos o Bispo de C. e V. por um lado e os Parochos por outro, fez-se á mesma a pergunta seguinte: «Se o Bispo de C. e V. deve satisfazer aos dois Parochos da diocese de P. as prestações annuaes que reclamam.» A Sagrada Congregação, em 12 de julho do anno de 1894, dignou-se responder: *Afirmativamente em proporção á diminuição dos rendimentos.*

## DEDUÇÕES

*Primeira.* — Por disposição do Concilio Tridentino, a congrua dos Bispos era de mil ducados e a dos Parochos de cem.

*Segunda.* — No caso actual, nem a congrua do Bispo chegava a mil ducados, nem a dos Parochos a cem, pelo que nem uma nem outra devia ser agravada com pensões.

*Terceira.* — O privilegiado não pôde usar do seu privilegio contra outro privilegiado. Os privilegios contra os privilegiados desaparecem e não teem razão de ser; pelo que deve attender-se ás prescripções do direito commum.

*Quarta.* — Assim, no caso actual, decidiu-se que o Bispo devia continuar com o encargo de pagar as pensões annuaes aos Parochos cujos rendimentos não chegavam á congrua de direitos. Mas por equidade resolveu-se não as pagar na integra, mas segundo a diminuição dos rendimentos.

## SECÇÃO LITTERARIA

### MEIA NOITE

(Inedita)

(Ao Ex.<sup>mo</sup> SNR. JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA)

I

Meia noite! Que tristeza,  
em toda a vasta amplidão!  
— Como agora a natureza  
convida á meditação! —

Sob este vasto horizonte  
que silencio tumular,  
que só os prantos da fonte  
de longe vem perturbar!!

Das nuvens entre a espessura  
a lua já se occultou.  
Ausentando-se, tão pura,  
mais triste o quadro tornou.

Aquelles prantos sentidos  
lembram prantos, lembram ais,  
pelos espaços perdidos  
dos infelizes mortaes.

Tambem da branda corrente,  
o murmurio perturbou  
a natureza dormente,  
que tauto a morte lembrou!

Negro, ao longe, o mar parece  
tambem da morte fallar!  
— E' como funebre prece,  
convidando a meditar. —

II

Meia noite! Hora de prantos  
de phantasmas e de horror,  
que só pôde tristes prantos  
inspirar ao trovador!

Do bronze o som compassado  
O echo repete alem.  
Está um dia acabado!  
Já outro nascendo vem!...

Após rapidos momentos  
aquelle som acabou!...  
— Que diversos pensamentos  
agora a mente abrigou! —

Só bom triste poesia  
ha de tal som inspirar,  
A quem da melancolia  
os encantos sabe amar!

## III

Meia Noite! Que mysterios  
agora se occultarão  
e que aos espaços ethereos  
eu pergunto, mas em vão!

Quantas vidas acabaram  
no dia, que já findou?  
Quantas vidas começaram  
com este, que despontou?

Morto e vida! Trista lucta!  
sempre angustias, sempre dôr!  
Minha phantasia escuta  
soluços, prantos, clamor!

Quantos, em leitos dourados,  
agora dormindo estão?  
Quantos choram desprezados  
sem agasalho nem pão?

Quantos agora, sorrindo  
em luxuosos salões,  
a vida estão consummindo,  
nas mais loucas diversões?

Quantos a vida passando  
em louca devassidão,  
os remorsos abafando  
de seus crimes estarão?

Que contrastes n'este mundo!  
So estou n'elles a pensar,  
um sentimento profundo  
vem minha alma perturbar!

Meia noite! Teus arcanos  
ss eu podêra descobrir,  
que máguas o desenganos  
eu teria de carpir?

Mas, n'esta hora de tristeza,  
eu quero, só, divagar,  
contemplando a natureza,  
e os astros a namorar!

## IV

Se a noite miséria e crimes  
em negro manto occultou,  
quantas acções tão sublimes  
de caridade inspirou?

Quantas misorias da vida  
póde, a occultas, minorar,  
quem virtude, tão querida,  
só deseja praticar?

Se a noite causa receio  
a quem ao dever faltou,  
não a teme um casto seio,  
que sempre a virtude amou!

Se no Céu confio e espero  
á noite não tenho horror!  
E uma prece agora quero,  
mandar humilde ao Senhor!

Ha de acceital-a bondoso,  
porque vem de um coração,  
que n'um Pae tão carinhoso  
confiar não póde em vão!

Aveiro.

RANGEL DE QUADROS.

## DEUS E A NATUREZA

(Inédita)

## I

Eu desejára uma lyra,  
para louvar o Senhor.  
A Natureza me inspira  
por Elle cantos de Amor.

Aos cantos da Natureza  
meus cantos eu juntarei.  
— E do Senhor a grandeza  
n'ella sempre cantarei! —

Tem a Natureza encantos,  
que o poeta sempre amou.  
— Para os mais suaves cantos  
sempre d'ella se inspirou! —

## II

Eu louvo a Deus, quando vejo  
da manhã puro arrebol.  
— Mandar-lhe um hymno desejo,  
mais saudoso, ao pôr-do-sol! —

Quando rompe a luz da aurora,  
eu quero a lyra tanger.  
— Esqueço o mundo e, n'essa hora,  
quero do mundo não ser! —

A' sombra dos arvoredos,  
de tarde, me vou sentar.  
— Da Natureza os segredos  
eu quero ao Céu perguntar! —

Cantar quero o prado ameno;  
das estrellas o fulgor;  
e o mar, quando mais sereno,  
mais falla do Creador!

Inspiram-me as alvoradas  
e da noite as solidões;  
e as estações alternadas  
alternando as producções.

## III

Quando por noite formosa,  
vejo a lua apparecer,  
do Céu minha alma saudosa,  
ao Céu se deseja erguer!

Então a intima crença  
eu juncto ao que é natural.  
Do Céu a abobada immensa  
elevo o meu ideal.

Quizera então inspirar-me,  
da lua ao meigo pallor!  
— Sobre as nuvens elevar-me  
até aos pés do Senhor! —

O mar na sua braveza  
tambem me inspira a cantar.  
— Por Deus pela Natureza,  
a lyra quero pulsar! —

Das aves' ternos lamentos  
com prazer sempre escutei!  
Nas tempestades, nos ventos  
o poder de Deus amei!

Falla de Deus a folhagem,  
que o sol de manhã dourou,  
como a topida bafagem,  
que pela tarde a beijou.

## IV

Dizem—Deus—outeiros, montes,  
toda a vastidão do mar,  
rios, prados, jardins, fontes  
e um regato a suspirar.

Quando admiro a Natureza,  
eu louvo quem a criou,  
e por isso mais belleza  
n'ella minha alma encontrou.

Toda a Natureza um hymno  
é, constante, em seu louvor!  
—Quero ter igual destino!  
Quero louvar o Senhor!—

Aos cantos da Natureza  
os meus cantos juntarei.  
—E do Senhor á grandeza  
minha lyra eu consagrei!—

Aveiro.

RANGEL DE QUADROS.

## A orphã

**D**IA sereno e alegre! O sol, olhando  
do vasto hemispherio do Olympo  
para os miseros mortaes, estava abra-  
zador; apenas uma leve viração, per-  
passando pelos membros, começava a  
produzir os seus effectos admiraveis. O  
lavrador, todo occupado com os seus  
milharæes enormes, esperava um anno



S. ROMUALDO, FUNDADOR DOS CAMALDULENSES

de grande colheita, como ainda em tempo nenhum tinha logrado. As tulhas, que, durante a estação chuvosa, continham objectos improprios, eram já de longe evacuadas, ao som melodioso de cantigas caseiras, com grande esperança de, no fim das colheitas ficarem a trasbordar.

Frescas moçoilas sachavam ao longe, corcovadas, os milharaes.

Era um dia primaveral, d'esses dias que, amenizados pelas musicas suaves dos cantores das balceiras, revestem uma nova forma de inexprimivel encanto.

Tudo eram alegrias e festas na natureza, quando eis que, por um caminho tantas vezes trilhado, assombrado por robles altivos e seculares, symetricamente dispostos, e comidos por algumas parasitas, uma menina, de poucas primaveras, pobresinha e andrajosa, de faces lividas e descarnadas, sem um ente com quem desabafe o seu soffrimento e a quem inspire compaixão, vae, qual mansa pomba, cançada, aqui

parando e sentando-se, mais além erguendo-se para continuar a sua dolorosa marcha, implorar da caridade publica o obulo da esmola.

Seus paes, os entes mais queridos, como não tinham meios de fortuna, morrendo, legaram-lhe como patrimonio a bôa educação, fundamento solido para as arrojadas aspirações.

Assim caminhando, com difficuldade, chegou ás faldas d'uma alcantilada serra, d'onde se divisava um extenso horizonte. Olhou em volta, mas não viu vivo mortal.

Como já ia muito cançada pela grande fome que a devorava, dirigiu as suas vistas para o horizonte, e, acto continuo, sentou-se á sombra benefica d'uma frondosa arvore que a mão do Creador allí tinha plantado, toda desfeita em lagrimas.

E, maldizendo do seu infeliz fado, allí jazia esta menina, sem abrigo, mais desgraçada do que os passarinhos, que, folgazões, chilreavam em volta. Debalde se lembrava dos ricos e queridos

da deusa fortuna, porque estes não se lembram do pobre, que continuamente se revolve nos seus andrajos.

Entretanto, fana-se o dia. Já as brumas que pairam sobre o solo parecem presagiar uma noite de densas trevas. As aves nocturnas que durante o dia estavam occultas nos seus esconderijos, precipitam-se dos buracos para vaguearem durante a noite. Rebanhos enormes, que, durante a luz do dia, pastavam no outeiro visinho, recolhem-se ao aprisco, acompanhados dos seus pastores correspondentes, tocando em canoras frutas as «modas» do seu casal ao som dos chocalhos dos seus rebanhos.

Homens e mulheres, que trabalhavam nos campos, na sacha e rega dos milharaes, approximam-se das casas de seus patrões, cantando em voga na sua pobre e santa aldeia, onde ainda não penetrou a devassidão infrene da cidade.

Ao longe, por entre os cerrados pi-

nhaes, alvacentas columnas de fumo se elevam aos ares, em espiraes. Sob os tectos da aldêa preparam-se opiparos cosinhados para tirar de miserias os ventres dos homens e mulheres que acabaram as suas tarefas nos campos. Mas a nossa pobre orphã que tudo isto via, estava lacrimosa, vendo que nem sequer uma alma havia que, compadecida da sua triste sorte, a soccorresse e lhe mitigasse a fome que a consumia.

Assim chorando, eis que de repente, como proveniente do céo, depara com um ente caritativo que se aproximara do local, movido da compaixão, e lhe ordena que o acompanhe para sua casa. Chegados que foram ahi, prodigalisou-lhe todos os auxilios de que precisava e que estavam ao seu alcance.

Este beneficio acabava de encher de alegria o coração d'aquella que de tão tenros annos começara uma vida de soffrimento.

Mas bem pouco tempo durou essa alegria, que acabava de experimentar!

Deus preparara-lhe outras immensamente maiores, incomparaveis, e poucos dias depois esta menina exhalava o ultimo suspiro, no meio de alegrias, rodeada de anjos da côrte celestial; havia feito entrega da sua alma ao Creador!

Poucas horas depois do seu passamento, já o funereo bronze havia propalado, aos quatro ventos, tão triste noticial

Tudo se consternou, ainda mesmo aquelles, cujos corações eram mais duros, e as suas faces eram por vezes regadas por grossas lagrimas ao lembrar tão sinistro successo! E por algum tempo, alguns entes caritativos iam ao cemiterio da aldêa, á distancia d'um tiro de sétta, onde dormiam o profundo somno da morte os paes da infeliz creança, orvalhar com sentidas lagrimas a campa d'aquella que em vida tanto soffreu, sem leito onde repousar das suas fadigas, tendo por travesseiro, não a purpura, mas as pedras dos caminhos, e por lençoes as frias hervas criadas á sombra benefica das arvores.

Como são infelizes no mundo estes entes! São o alvo de todos os chascos da sociedade hodierna e por ella evitados.

Para estes que nascem sob um céo tão aváro, ha a grande e formosa perola da esperança na eterna felicidade que sempre os deve acalentar durante a breve mas espinhosa passagem sobre a terra, e por isso ainda mais desejariam soffrer.

Para estes desprotegidos da fortuna, em compensação, Deus envia-lhes maior numero de graças, para melhor poderem arrostar com todas as contrariedades e dissabôres d'esta vida terrena.

Ora convem não desprezar estas

graças que Deus dá a todos nós, mas devemos cooperar com ellas, para ganharmos novas graças.

Sem estas nada poderemos operar, porque somos «ex natura» inclinados á pratica do mal e omissão do bem. Mas auxiliados por ellas, não as desprezando, conseguiremos facilmente o nosso fim ultimo, que é a visão beatifica de Deus, alpha e omega de tudo o que existe.

E' seguindo os preceitos d'este juiz incorruptivel que nos tornamos merecedores de graças consequentes, para melhor podermos seguir por um caminho tão mesclado de abrolhos, como é esta vida!

Emfim é acatando os sãos principios d'esta verdadeira philosophia, a religião que Jesus Christo se dignou impor-nos, religião a mais santa, mais suave, mais doce e mais aprazivel, isenta das superstições e prejuizos que são o character e criterio principaes com que estão afferidas todas as outras religiões, que se acham disseminadas pela face do globo, desde o protestantismo e suas innumeraveis ramificações, até ás seitas mais infimas obscuras do paganismo, que nós chegamos a conseguir o sermos escolhidos, no grande dia, d'entre o numero dos impios que passaram a vida offendendo a Deus.

Por isso nunca devemos abandonar uma obra de tão grande momento.

E vós, ricos burguezes, que não tendes em conta a miseria com que o pobre, todos os dias, é opprimido, tomae d'aqui um vivo ensejo para, de futuro, olhardes a necessidade com que o misero, constantemente, é atormentado, compenetrando-vos bem de que se isto não fizerdes, já de longe andaes aprofundando o abysmo insondavel onde, por ultimo, irremediavelmente vos despenhareis. A esmola devotamente dada e sem ostentação, é um dos meios mais poderosos para conseguirmos a bema-venturança eterna, por que por ella se exercita a caridade, e esta é a maior das virtudes christãs, porque n'ella se encerra o amor de Deus, e esta virtude ha de ser galardoada convenientemente no terrivel dia.

Portanto convem que dirijaes as vossas vistas para isto, e que o penseis bem.

ELMANO SOAB.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Ozias recebe Achior na sua casa

(Vid. pag. 25)

**A** EXPEDIÇÃO de Holophernes, na qual se assignalou a abnegação de Judith, que lhe cortou a cabeça, realiso-se no reinado de Manassés.

Sabendo Holophernes que os Israelitas se preparavam para lhe resistir, encolerisou-se com o que elle chamava louca temeridade. Mandou chamar os principes de Moab e os chefes dos Ammonitas que se lhe tinham entregado, e disse-lhes: «Quem é esse povo presumptuoso que occupa as montanhas, quaes as suas cidades, qual o numero, que poder é o do seu reino, qual é o chefe do seu exercito, porque motivo é o unico entre todos os povos do Occidente que se atreve a resistir-nos, e não vem ao nosso encontro pedir-nos paz?»

Achior, chefe dos Ammonitas, respondeu-lhe: «Senhor, se te apraz ouvir-me dir-te-ei a verdade sem reboço ácerca d'esse povo que habita nas montanhas, e nada poderá diminuir a minha franqueza e sinceridade.

«É originario de Chaldêa. Primeiramente retirou-se para a Mesopotamia porque não quiz adorar os deuses dos Chaldeus, seus antepassados. Alli não adoraram senão um só Deus, o Deus do céo que lhes disse que saíssem d'aquelle paiz e passassem á terra de Chanaan. Succedeu haver uma fome em toda aquella região, e então desceram ao Egypto, onde de tal modo se multiplicaram que no fim de quatrocentos annos formaram um exercito innumeravel. Os Egyptios os tinham escravizado, e o seu Deus lhes abriu um caminho atravez do mar Vermelho que elles passaram a pé enxuto, e vieram acampar nos desertos do monte Sinai, que nenhum homem antes d'elles poderia habitar.

«Triumpharam dos Chananeus, dos Jebuseus e de todos os povos que occupavam o paiz que elles agora possuem. Sómente teem soffrido revezes quando teem sido infieis ao seu Deus. Quando teem obedecido á sua voz não teem encontrado ninguem capaz de os vencer. Indaga, pois, senhor, se esse povo terá commettido algum peccado contra o seu Deus. Em caso tal, não hesites em atacal-o, porque o seu Deus t'o entregará; mas não sendo assim não lhe poderiamos resistir. O seu Deus tomaria a sua defesa, e nos cobriria de confusão aos olhos de toda a terra.»

Os officiaes d'Holophernes enfureceram-se tanto com a franqueza d'Achior que o queriam matar: «Como se atreve elle a asseverar, diziam uns para os outros, que os Israelitas sem armas possam resistir a forças como as nossas? Para lhe provar a sua insensatez, marchemos para esses montes, e vamos aprisionar os mais valentes d'Israel para os passar ao fio da espada, afim de que todas as nações saibam que Nabuchodonosor é deus da terra e que não ha outro senão elle.»

Holophernes tambem lhe disse: «Visto teres feito de propheta, nós te matare-

mos, depois de termos exterminado todos os Judeus como se fossem um só homem, para te convencer da tua impostura. E para te fazer vêr que tenho a certeza da extincção d'esse povo, tu vaes immediatamente reunir-te a elle, e quando as nossas armas lhe derem o castigo que elle merece, então serás também castigado com elle.»

E logo deu ordem aos seus servos para que o levassem a Bethulia, que era provavelmente cidade da tribu de Zabulon, e o entregassem aos Israelitas. Os servos d'Holophernes tendo medo dos fundibularios que deram uma investida contra elles, amarraram Achior a uma arvore, e depois de o assim deixarem preso de pés e mãos, voltaram para o acampamento de seu senhor.

Os habitantes de Bethulia, que viram Achior, chegaram-se ao pé d'elle, soltaram-n'o e conduziram-n'o á sua cidade. Achior contou ao povo o que lhe tinha succedido e o motivo porque Holophernes o tinha tratado assim. Todos os circumstantes ficaram espantados do que ouviam, e prostraram-se com o rosto no chão, pedindo a Deus com lagrimas desviasse do seu povo as humilhações e desastres que o ameaçavam. Ozias, um dos chefes da cidade, recebeu Achior em sua casa e deu-lhe um jantar para o qual convidou os principaes Judeus. Todos comeram depois de terem jejuado todo o dia e passaram o resto da noite em oração no proprio sitio onde o povo se achava reunido.

E' sabido que Judith, a santa viuva, que vivia retirada com as donzellas que a serviam, se apresentou a Holophernes ostentando toda a sua belleza, e que uma noite, convidada por este para assistir a uma refeição na sua tenda, Holophernes bebeu até cair na mais profunda embriaguez. Então Judith agarrou Holophernes pelos cabellos e deu-lhe duas cutiladas no peçoço, separando-lhe a cabeça do tronco, sendo depois derrotado o exercito assyrio.

\* \* \*

## S. Romualdo, fundador dos Camaldulenses

(Vid. pag. 31)

Nasceu S. Romualdo em Ravenna ahi por 916. Era oriundo d'uma familia ducal. A sua vida não foi das mais exemplares nos seus primeiros annos.

Aos 20 annos porém, depois d'uma apparição, que teve, de Santo Apollinario, abraçou a regra de S. Bento. Não correu, voou pelo caminho da perfeição.

Ouçamos agora o que, sobre este santo, escreve o Padre João Croiset:

Não contava senão tres annos de monge, e parecia já um varão consummado na vida espiritual; porém o ardente zêlo que o Santo mostrou pela observancia d'algumas regras que a relaxação tinha como que abrogado, fel-o odioso aos tibios e aos imperfeitos. Olhavam-no como reformador importuno; e tão longe chegou a perseguição, que elle se viu obrigado a buscar n'outra parte asylo mais seguro ao seu fervor e zêlo.

Retirou-se com licença dos superiores para uma solidão nos Estados de Veneza, onde vivia um ermitão chamado Marino, em cuja severidade e simplicidade encontrou materia abundante em que exercitar a sua humildade, e cumprir o desejo de fazer penitencia.

Resava todos os dias o psalterio em companhia do seu novo director. Ao principio errava quasi todos os versos; e Marino para o corrigir, dava-lhe uma varada na orelha esquerda. Soffreu Romualdo este castigo por largo tempo, até que um dia pediu a Marino que o castigasse na outra orelha, pois já o ouvia difficilmente d'aquella.

O santo ermitão ficou encantado com a paciencia do seu discipulo, e tratou-o d'ahi em diante com menos severidade.

Veio por então conferenciar com o nosso Santo, Pedro Urseolo, doge de Veneza; e d'esta conferencia proveio renunciar este ultimo áquella dignidade, que havia usurpado, como tendo alguma parte no assassinato do seu predecessor Candiano.

Saiu Urseolo secretamente de Veneza, em companhia do seu intimo amigo Gradénigo, e juntando-se com Romualdo e Marino, embarcaram todos para a Catalunha. Aportando alli dirigiram-se para o mosteiro de S. Miguel de Cusan, onde por conselho do nosso Santo e do seu director ficaram aquelles dois, sob a disciplina de Guerino, abba de do mesmo convento.

Romualdo e Marino retiraram-se para um deserto não muito distante, aonde dentro de pouco affluiram muitas pessoas, desejosas de servirem a Deus n'aquella solidão.

Viu-se o nosso Santo obrigado a encargar-se do governo de todos, sacrificando a repugnancia que tinha para mandar; mas essa auctoridade de superior serviu-lhe apenas para satisfazer o ardente desejo de passar uma vida mais penitente e mortificada.

Ao perpetuo retiro juntou o jejum mais rigoroso. Dormia pouco; e todo o tempo que não empregava na oração, dedicava-o á leitura de livros espirituaes e ao trabalho manual.

O cuidado que tinha em moderar nos outros as demasias na penitencia, dava bem a conhecer que somente era austero para comsigo mesmo.

Tinha o maior zêlo pela disciplina regular: mas o seu zêlo era sempre acompanhado de prudencia e discreção.

Ao passo que se entregara a imitar as penitencias dos solitarios do Oriente, cujas vidas lia de continuo, punha grande cuidado em que o seu exemplo não movesse os seus discipulos a excessos ou demasias.

A sua muita penitencia, porém, não bastou para o livrar de molestissimas tentações, que lhe deram muito que padecer n'aquella solidão; não obstante servirem apenas de materia para novos triumphos, e maior perfeição da sua virtude!

Soube Romualdo que seu pae, a quem Deus tinha feito a graça de tirar do mundo, fazendo-o entrar na religião, rendido ás suggestões do inimigo estava resolvido a voltar para o mundo.

Deixou o Santo a solidão, e voou á Italia: e de tal modo soube manejar aquelle genio duro e inconstante, que depois de o haver confirmado na vocação, teve a dita de o ver morrer santamente no exercicio da penitencia.

Quando veio a saber-se que Romualdo estava na Italia, muitas pessoas se dirigiram a elle, afim de se entregarem á sua direcção e governo. Era tão grande a affluencia dos novos discipulos, que foi necessario fundar muitos conventos.

Tendo sido obrigado a tomar o governo do de Bagni, perto da Sassina, estabeleceu alli uma observancia tão exacta, que se tornou intoleravel para muitos monges imperfeitos, os quaes não podendo soffrer as reprehensões que lhes dava o exemplo edificante do seu abba de, chegaram a expulsal-o do mosteiro.

Romualdo sentiu tanto este indigno procedimento, que resolveu não mais se ingerir na salvação dos outros, e attender unicamente ao cuidado da sua propria.

Deus, porém, fez-lhe conhecer que este desgosto era amor-proprio, e que não passava de tentação o que parecia virtude:—pois era este justamente o laço que o demonio lhe tinha armado com aquellas iniquidades.

Todavia o nosso Santo retirou-se para o lago de Comachio; d'aqui passou a um comoro nas faldas do monte Appenino, e d'este foi esconder-se na ilha de Perea. Inuteis, porém, foram todas as diligencias que Romualdo fez para se occultar, porque em todas as partes o perseguia a multidão dos que o buscavam com ancia.

Foi mister toda a auctoridade do imperador Othon II, e um mandado expresso e formal do arcebispo de Ravenna para que elle se rendesse ás instantes supplicas dos religiosos de Classe, que o tinham nomeado seu abba de.

Mal porém Romualdo quiz restituir ao seu devido logar a disciplina monastica, logo se arrependeram da escolha os mesmos que o tinham elegido, obrigando-o a demittir-se d'este cargo.

Ao passo que os seus discipulos resistiam ás instrucções saltaes do Santo, não querendo aproveitar-se dos seus conselhos, fazia por toda a parte conversões admiraveis.

O conde Oliban, movido das palavras de Romualdo, abandonou o mundo e tomou a cogulla de S. Bento no mosteiro do Monte Cassino.

Um senhor allemão, chamado Tham, seguiu o exemplo do conde.

Tendo-se revoltado contra o imperador a cidade da Tivoli, Romualdo conseguiu reconciliar os vassallos com o soberano; e como este havia tirado a vida ao senador Crescencio, violando a fé da sua imperial palavra, obrigou-o a ir a pé e descalço de Roma á igreja de S. Miguel no Monte-Gargano, fazendo penitencia publica, e dando exemplar satisfação do seu peccado.

Retirou-se Romualdo para Parenzo na provincia de Istria, e alli fundou um mosteiro, para o qual escolheu um abbade da sua confiança.

Depois encerrou-se por espaço de tres annos, durante os quaes o Senhor enriqueceu aquelle fervoroso espirito com novas e abundantes graças. Deu-lhe uma intelligencia perfeita da Sagrada Escripura e communicou-lhe o dom da prophecia.

Todo abrasado no purissimo fogo do amor divino, ouvia-se exclamar muitas vezes cada dia: Oh meu doce Jesus! oh Deus do meu coração! oh meu amavel Salvador! oh dogura ineffavel dos Santos! Oh delicia das almas puras! oh doce Jesus, objecto infinito de todos os meus desejos!

Por fim teve de deixar aquella amada solidão para ir fundar um mosteiro em Orvieto.

Aqui teve noticia do glorioso martyrio do seu amado discipulo S. Bonifacio, apostolo da Russia; e incendiado no ardente desejo de derramar o sangue por amor de Jesus Christo, resolveu passar á Hungria.

Já tinha a benção e missão do Summo Pontifice, quando Deus, que lhe preparava outro genero de martyrio menos sangrento, porém não menos cruel, e que o tinha destinado para fundador d'uma nova familia religiosa na sua santa Igreja, permittiu que elle caisse enfermo no caminho, e por esta razão voltasse ao mosteiro de Orvieto: como porém o não deixassem alli em paz os muitos que todos os dias affluam para o verem, retirou-se secretamente para um convento edificado no visco da montanha de Sytria. Foi aqui que Romualdo soffreu a mais horrivel calu-

mnia que attribuir-se podia á sua veneravel ancianidade, e que o fez passar seis mezes na mais rigorosa penitencia! N'estes exercicios de paciencia e humildade compoz uma exposição dos psalms, que ainda hoje existe na Camaldula, escripta pelo seu proprio punho.

Na verdade causa admiração que um só homem podesse fazer tantas fundações. A mais celebre porém de todas estas santas casas foi a de Camalduli de Toscana, sitio famoso nos valles de Appenino.

Aquella vehemente propensão que Romualdo sentia para a soledade, levou-o a pôr os olhos n'este deserto. Adormecendo um dia á beira d'uma fonte, viu em sonhos uma escada, cuja parte superior topejava o céo, e notou que os seus religiosos, vestidos de branco, iam subindo por ella.

Despertou o Santo, e não crendo que o sonho fosse sem mysterio, escolheu alguns dos seus discipulos mais fervorosos, e deu-lhes o habito branco, e novas constituições.

Foi este o principio da religião Camaldulense, que ha mais de seiscentos annos floresce no campo do Senhor, e conserva ainda hoje o fervor d'aquelle primitivo espirito que recebeu do seu santo Fundador, e tantos Santos tem dado á Igreja.

Sentindo Romualdo que se ia já aproximando o dia do seu ditoso transito, retirou-se para o seu mosteiro de Val-de-Castro, onde vinte annos antes havia prognosticado que morreria alli. Fabricou uma cella com oratorio, para habitar, guardando silencio até á morte; e embora os seus achaques fossem crescendo dia a dia, nunca se deitou senão no chão, nem se dispensou dos jejuns e demais penitencias ordinarias.

Finalmente sabendo que era chegado o dia em que o Senhor determinára premiar tantos trabalhos, mandou sair da cella os dois monges que lhe assistiam, com ordem de não tornarem a entrar n'ella senão no dia seguinte.

Como estes sabiam o que poderia acontecer, saíram contrariados, porém ficaram á porta da mesma cella para observarem o que se passava.

Esteve o Santo algum tempo em oração; como, porém, os monges não lhe ouvissem os costumados affectos do amor de Deus, nem os seus ordinarios suspiros, entraram, e conheceram que elle acabava de expirar.

Morreu, como affirma S. Pedro Damiano, que lhe escreveu a vida quinze annos depois do seu ditoso transito— aos oitenta annos de idade.

Foram tantos os milagres que S. Romualdo obrou tanto em vida como depois da morte, que crescendo em todas as partes a opinião da sua santidade,

os seus monges obtiveram do Papa licença para erigirem um altar sobre a sua sepultura, cinco annos depois que elle morreu.

Achou-se o seu corpo tão são e inteiro como no momento em que o tinham sepultado.

No anno de 1032 celebrou-se solemnemente a sua festa com auctorisação da Santa Sé a 19 de junho, anniversario do seu ditoso transito.

Em 1466, quatrocentos e trinta e quatro annos depois da sua primeira trasladação, tornou a encontrar-se inteiro, o santo corpo. Como a sua festa coincidia com a dos Santos Gervasio e Protasio, o Papa Clemente VIII fixou-a no dia 7 de fevereiro, que foi o da referida primeira trasladação.

## SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu o nosso presado assignante, rev. Padre Polycarpo José d'Araujo, abbade de Souto, no concelho d'Arcos de Val de Vez.

Á sua familia enviamos sinceros pesames; e aos leitores pedimos as suas orações por alma do finado sacerdote.

## RETROSPECTO

### Reuniões de Bispos portuguezes

A exemplo dos mais annos, reuniram-se em S. Vicente de Fora, em Lisboa, os Prelados portuguezes para resolverem sobre negocios ecclesiasticos.

O Santo Padre enviou ao Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha o seguinte telegramma:

«Santo Padre muito folga com a reunião dos bispos portuguezes, presidida por V. Em.<sup>a</sup>, e fazendo votos para que se colham copiosos fructos para as almas, com toda a effusão do seu coração envia a benção implorada.—*Cardeal Rampolla.*»

### Cá e lá.

A Hungria é governada pelo partido liberal que é formado por uma colligação judaico-maçonica. Os processos empregados para vencer as eleições são tudo quanto ha de mais brutal e escandaloso. Vejamos:

«Sabe-se que na Hungria os deputados são eleitos por um corpo eleitoral censitario. Os eleitores vão á cabeça do

districto e o voto é publico. Adivinha-se desde já a que pressões taes eleitores estão submettidos. Apesar d'estas condições desfavoraveis, a *Volkspartei* estava de tal modo bem disciplinada que no dia do escrutinio 1:500 partidarios do conde Zichy appareceram sob os muros de Neutra, com o clero de cada localidade á frente do seu contingente. Digo *sob os muros* porque a claque eleitoral não permite aos eleitores catholicos que penetrem na cidade. Os desgraçados foram reunidos como carneiros, ao vento (20 de março), sob a chuva fria e cercados por um cordão de soldados. Deixaram-nos assim desde as 7 horas da manhã até ao dia seguinte á mesma hora e não se permittiu a pessoa alguma que se abrigasse ou que procurasse alimento.

«O conde Zichy, posto ao corrente d'esta monstruosidade, mandou-lhes um carregamento de 1:500 pães. Este, porém, foi confiscado pelo presidente do escrutinio, Tarnoczy, que esperava obrigar assim os eleitores a voltar para as suas casas ou a morrer de fome. Judeus vagabundos e nojentos, que eram o instrumento d'esta oppressão inaudita, obrigavam os soldados a infligir aos eleitores catholicos os vexames mais abominaveis. Como estes se conservassem firmes, Tarnoczy prolongou ficticiamente o escrutinio durante vinte e uma horas, deixando os infelizes ao tempo, enxarcados até á medula e sem terem cousa alguma que comer. Muitos desmaiaram ou cairam doentes e, se não fossem robustos camponeses, teria sido este o maior numero. Este systema não abalou a constancia dos partidarios do conde Zichy, e Tarnoczy foi obrigado a annullar 1:226 listas para assegurar a eleição do candidato governamental!»

Cá não está o systema tão aperfeiçoado, mas... de vagar se vae ao longe.

#### As allocuções do Santo Padre

O jornal officioso do Vaticano *Le Osservatore Romano* publica, em resposta a varios jornaes italianos e francezes, um artigo ácerca do poder temporal. São d'elle os seguintes trechos:

«O Papa não faz differença entre uma cadeia feita de rosas e de lyrios e laços de corda e de ferro, quando umas e outras indistincta e identicamente embaraçam a sua liberdade e a da Igreja, a dos trezentos milhões de consciencias nos dois hemispherios. Eis porque o confictio não está localisado entre o Vaticano e o Quirinal, a não ser que no primeiro não se considere o direito opprimido pela força e no segundo a força opprimida pelo direito.

«Tanto n'um como n'outro caso, os

termos da questão são immensamente ampliados, e então reconhece-se involuntaria, mas explicitamente, que a luta não se dá entre Leão XIII e a Italia, tendo por primeiro ministro Crispi ou de Rudini, mas entre o Vigario de Christo, que reivindica a liberdade da Igreja, e todos os que em Roma, na Italia, na Europa e no mundo inteiro contestam á Igreja e ao Papa o unico meio terrestre e humano, que se acha á sua disposição, de assegurar a liberdade, a independencia do reinado de Jesus Christo sobre a terra.»

#### O Sacro Collegio

Ha hoje apenas 59 Cardeaes, pois que em 1896 falleceram 9. São italianos 33 e estrangeiros 26.

Ha quatro Cardeaes francezes, 4 allemães, 4 hespanhoes, 2 portuguezes, 4 inglezes, 1 americano e 1 belga.

Ha dois Cardeaes mais velhos que o Papa: o Cardeal Mertel, que vae completar 91 annos, e o Cardeal Conde de Canossa de perto de 88 annos. O mais novo é o Cardeal Svampa, que tem 45 annos.

#### Appello a christãos

Os missionarios e religiosas estabelecidas no imperio turco, imploram a caridade dos christãos occidentaes, e especialmente a dos italianos e francezes, para soccorrer o grande numero de velhos, mulheres e creanças desvalidas que correm a refugiar-se nos hospitaes catholicos em consequencia das perseguições ininterrompidas n'aquelle imperio. Mons. Petron, Bispo de Jericó, diz que não tem dinheiro nem roupas para cobrir a nudez de tantos infelizes.

#### Nupcias d'ouro

Uma religiosa, Irmã Sophia, das Senhoras de Nevers, acaba de festejar o 50.º anniversario da sua entrada no hospicio de Vigan, onde desde então tem prodigalisado os seus cuidados aos velhos e enfermos com uma dedicação e abnegação superiores a todo o elogio.

Nos hospitaes laicizados ignoram-se estas especies d'anniversarios.

#### A Maçonaria na Hollanda

Acha-se pouco florescente a seita na Hollanda, pois não conta mais de 4:137 membros, incluindo as lojas da Asia, Africa e Oceania subordinadas ao Gr.º Or.º hollandez.

O Gr.º Mestre é Vas Visser, de tendencies republicanas.

Os altos mações que tem assento nas camaras distinguem-se pelo seu anti-clericalismo.

O Anuario maçonico de 1893 faz a seguinte declaração: «A maçonaria não

pode deixar de ser socialista. O mação é socialista por excellencia. Confesse-mol-o abertamente. Vão-se abrindo os olhos aos signaes do tempo ao nobre socialismo.»

Os Irmãos queixam-se do profundo descredito que pesa na Hollanda sobre a maçonaria, a qual vê diminuir de anno para anno o numero dos seus adeptos.

Ainda bem!

#### Homenagem inasuspeita a um Frade

O ministro da instrucção publica em França prestou, em plena sessão do conselho superior d'instrucção, uma homenagem aos merecimentos do Irmão José, superior geral dos Irmãos da Doutrina Christã, ha pouco fallecido e que fez parte d'aquelle conselho durante 16 annos.

«Nunca deixamos de apreciar a sua elevada competencia nas coisas d'educação, a sensatez e moderação de suas idéias; o seu sentimento elevado e imparcial da justiça, a rectidão e amenidade do seu character».

A *Vanguarda* e o *Paiz* ficam rai-vosos!

#### O descanso do domingo no Oriente

Os christãos do Oriente, e em especial os de Damasco, tomaram energicas medidas para que seja observado rigorosamente o descanso dominical e dos dias santificados. Por este motivo dirigiram-se ás auctoridades e aos Prelados para os coadjuvarem n'este louvavel intento.

#### Dois anniversarios

Ha vinte e cinco annos que a França se consagrou ao Sagrado Coração de Jesus, por cujo motivo se erigiu a famosa Basilica de Montmartre, chamada do *Voto nacional*. Occorrendo agora o vigessimo quinto anniversario d'este grande acto de fé, o Cardeal Arcebispo Richard publicou uma pastoral convidando o Clero e fieis da sua diocese a festejar-o no dia 17 do passado mez. Ao mesmo tempo commemorar-se ha em Portmain o vigessimo sexto anniversario da apparição de Nossa Senhora da Santa Esperança. A imprensa religiosa julga estas duas festas como uma relevante prova da conservação e augmento da fé catholica franceza.

#### Incidente escandaloso

A confirmação da eleição do Bispo anglicano de Londres deu lugar a varios incidentes escandalosos. Um homem, chamado Kensil, pelo bispo levar a mitra na cabeça, levantou grande gritaria dizendo que assim faltava aos seus votos sacerdotaes em combater as falsas doutrinas.

«Nosso Senhor e os seus Apostolos, gritou, nunca usaram o enfeite romano a que dão o nome de mitra.»

Os apupos e applausos ouviam-se de todos os lados e como Kensil recusasse sahir do lugar, houve grande balburdia. «Lembre-mos que estamos n'uma igreja», gritavam alguns dos assistentes escandalizados.

Estas ruidosas scenas que põem em relevo as graves dissidencias que existem no seio da igreja anglicana, causaram desagradavel impressão em Inglaterra.

#### Se todos fossem assim...

Merece um sem numero d'applausos o governador civil de Lugo, Hespanha, pela seguinte circular que fez publicar no *Boletim Official*:

«Tendo chegado ao conhecimento d'este governo civil que em alguns pontos da provincia e contra o que temos ordenado, se permite o estabelecimento de barracas de comidas e bebidas dentro dos adros parochiaes, assim como a realisção de bailes, prestidigitacões e outros espectaculos improprios d'aquelles sitios, cujas brincadeiras são origem de infinidade de abusos e incommodam os fieis que piedosamente assistem ás festas que se celebram nos templos; ordeno aos snrs. administradores não consintam as referidas barracas nos adros das igrejas, assim como a exhibição de espectaculos que desviem a attenção dos fieis que com devoção assistem ás festividades nas mencionadas igrejas e que faltam ao respeito e consideração que se deve aos logares religiosos, adoptando para a execução d'esta ordem todas as medidas que julgarem opportunas e darão conta a este governo civil das difficuldades que appareçam para a sua observancia, a fim de, á sua vista, se resolver o que seja mais conveniente.

Lugo, 13 de janeiro de 1897.—O governador civil, *Calixto Varela*.»

#### O quarto congresso franciscano

Celebrar-se-á este anno, na cidade de Nimes, o quarto centenario do con-

gresso franciscano, que será presidido pelos Padres Recollectos.

O rev. Padre Luiz de Parma abrihantará com sua presença este acto tão importante.

#### A aristocracia romana no Vaticano

No dia 21 do corrente, ao meio-dia, o Santo Padre recebeu em audiencia collectiva a aristocracia romana, fiel á Santa Sé. A audiencia teve logar na *sala do Consistorio*.

Em substituição do principe Colonna, que se acha doente, o principe Ruspoli leu uma mensagem ao Papa.

O Santo Padre respondeu com um discurso, no qual disse:

«A aristocracia romana está particularmente ligada ao Papado. A muitas das suas familias pertenceram varios Papas.

A aristocracia romana junta á nobreza do sangue a nobreza das obras. Ella deve perseverar n'este caminho, porque as necessidades moraes e materiaes augmentam sempre.»

O Santo Padre mandou lêr o seu discurso por Mons. Misciatelli.

Terminado o discurso, toda a assistencia desfilou ante Sua Santidade Leão XIII e lhe beijou a mão.

O Papa tinha boa apparencia e parecia estar bem disposto.

Assistiram a esta audiencia nove Cardeaes.

#### A Bemaventurada Eva

Um dos mais distinctos ecclesiasticos de Liège, o Parocho decano da basilica de S. Martinho, acha-se actualmente em Roma, onde foi como postulante para obter a confirmação do culto tributado desde ha seculos á Bemaventurada Eva, religiosa reclusa da igreja de S. Martinho e amiga e conselheira de Santa Juliana, Abbadessa de Cornillon, que, com esta santa, contribuiu para obter do Papa Urbano IV a substituição da festa de *Corpus*. A estas duas religiosas deve a Igreja de Liège, famosa em toda a christandade, a mais fulgurante joia da sua corôa.

#### Sagração episcopal d'um missionario

Prepara-se em Bruxellas um importante acontecimento religioso: um dos missionarios belgas do Congo foi chamado á Belgica para alli receber a sagração episcopal. Voltará logo depois para o Congo, onde, como Bispo, terá sob a sua jurisdicção as primeiras parochias fundadas n'aquelle estado independente.

As suas faculdades não se estendem, sem embargo, á região do lago Tanganika, a qual fórma uma diocese distincta reservada aos Padres brancos instituidos alli pelo saudoso Cardeal Lavignerie.

O futuro Bispo é flamengo e pertence por nascimento á diocese de Gant; porém como foi educado no Seminario das missões belgas de Schent, perto de Bruxellas, será o Arcebispo de Malinas quem presidirá á cerimonia da sagração episcopal.

O Cardeal-Arcebispo teria alem d'isso outro titulo para intervir n'este acto, visto que, em virtude de um decreto do Soberano Pontifice, foi constituido metropolitano do estado do Congo, como o é da Belgica.

#### Conversões na Inglaterra

Passam de quinze mil as pessoas convertidas ao catholicismo em Inglaterra no anno passado.

Entre estas conta-se a do millionario sir Sung, que abjurou nas mãos do Padre Liesle, da Companhia de Jesus.

#### Jesuita astronomo

Falleceu ha dias em Manila o celebre jesuita hespanhol, Padre Fama, director do Observatorio Astronomico de Manila.

A respeito d'este illustre membro da Companhia de Jesus diz «El Imparcial» de Madrid:

«Era uma gloria nacional. Os seus estudos eram consultados por todos os homens de sciencia do mundo. Ao seu persistente amor pela sciencia se deve que o observatorio de Manila seja um dos primeiros da actualidade.»

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente  
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1,5000 reis—Estados da India, China, e America, 1,280 reis, moeda portugueza—  
Numero avulso 100 reis.

#### As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

Que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a  
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua a Picaria, 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74 — Porto